

Promotoria quer acabar com filas diárias nos hospitais do DF

■ Perder um dia inteiro esperando médico é rotina nos hospitais da rede pública

Marcia Gouthier

GLAUCO DE QUEIROZ E
TIAGO FARIA

Passar o dia em uma fila de hospital público para ser atendido virou rotina. Para acabar com essa espera, que deixa impaciente qualquer paciente que precisa dos serviços da rede pública, a Promotoria de Justiça de Defesa da Saúde do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) promoveu na tarde de ontem uma reunião com diversos setores ligados à saúde do DF. O objetivo era apresentar propostas para acabar com as filas intermináveis nas emergências dos hospitais públicos do DF e para marcação de consultas e cirurgias.

Estiveram na reunião representantes da Secretaria de Saúde do DF, Conselho Regional de Medicina, Conselho de Saúde do DF, Sindicato dos Médicos e o diretor do Hospital Regional da Asa Norte (Hran). “A solução encontrada, a curto prazo, seria investir em recursos humanos”, concluiu o promotor da Promotoria de Justiça de Defesa da Saúde (Prosus), Carlos Alberto Cantarutti. A saída seria a nomeação dos 491 médicos que passaram no último concurso da Secretaria de Saúde.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda o mínimo de um médico por mil habitantes nas cidades. Sendo assim, o número de médicos em Brasília é pequeno: há um médico para 1,7 mil habitantes. Segundo o diretor do Sindicato dos Médicos, Francisco Rossi, não há muito interesse da maior parte dos médicos pelas vagas que sobram na rede pública e o último concurso realizado pela Secretaria de Saúde só conseguiu preencher 65% das 729 vagas oferecidas. “O salário é tão defasado que ninguém quer”, reclama Rossi. Um médico da rede pública ganha, segundo ele, em média R\$ 900 líquidos. “Os médi-



Reunião, ontem, entre autoridades da área de Saúde para discutir problemas crônicos

cos estão sobrecarregados”, completa.

“O GDF tem consciência que se deve aumentar o salário dos médicos, mas isso depende de recursos federais”, esclarece o secretário adjunto de Saúde, Paulo Afonso Kalume. Segundo ele, a verba que o governo federal repassa não é suficiente para custear os gastos no DF. “É preciso haver um repasse justo, já que Brasília também acaba atendendo pacientes do Entorno”, afirma Kalume, que também denuncia um problema na formação dos médicos: as faculdades têm formado mais especialistas e menos clínicos gerais. “É preciso acabar com essa ideia de que médico de centro de saúde é médico de segunda classe”, concorda o diretor do Sindicato dos Médicos.

Entorno - O secretário de Saúde, Jofran Frejat, confirma o inchado na rede pública devido aos pacientes do Entorno. “Não so-

mos resarcidos pelo atendimento das pessoas do Entorno”, disse Frejat. O GDF destina 20% do orçamento para a saúde. O investimento seria, segundo o secretário, suficiente para custear o sistema hospitalar de Brasília, que foi criado para atender dois milhões de pessoas por ano. Mas, no ano passado, foram 4,8 milhões de pacientes. “As prefeituras do Entorno precisam construir mais hospitais, nós somente temos o compromisso de atender os moradores do Entorno em situações mais graves”, completa.

O Hospital Regional da Ceilândia atende mil pessoas por dia e 15% a 20% vêm do Entorno. As áreas mais procuradas são clínica médica e pediatria. Ontem havia três médicos no turno da manhã, três no da tarde e quatro no da noite. Na área de internação do pronto-socorro havia apenas um médico para 57 pacientes. Segundo a assessoria de imprensa do

hospital, há casos de pessoas que fazem a ficha no pronto-socorro às 7h30 e são atendidos só no fim da tarde.

No Hospital Regional de Taguatinga (HRT) a média de pacientes atendidos é de 1,2 mil por dia. Todos os 78 leitos de internação no pronto-socorro estavam ocupados ontem. O hospital foi criado para atender 248 mil habitantes e acaba atendendo 500 mil, com a população do Entorno. Pessoas de fora de Taguatinga representam 30% dos atendimentos.

No Hospital Regional do Gama, segundo estatísticas de janeiro, foram registrados 29.674 atendimentos no pronto-socorro. Foram 12.562 do Gama e 17.102 do Entorno. A assessoria de imprensa do hospital explica que o número de pacientes do Entorno é grande porque muitos acidentados de trânsito das vias de acesso ao DF acabam sendo socorridos no Gama.